

SEMÂNTICA REFERENCIAL: A LINGUAGEM E OS OBJETOS DO MUNDO

Maria Alzira Leite¹

RESUMO: Ao analisar determinados gêneros, procura-se interpretar nos modos de dizer mecanismos linguístico-discursivos que podem orientar os possíveis significados. No entanto, compreender um texto não é uma tarefa tão simples. É preciso mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística quanto cognitivo-discursiva, a fim de levantar hipóteses, validá-las ou não, ou seja, participar de forma ativa da construção do sentido. Diante disso, ao longo deste artigo pretende-se, primeiramente, tecer algumas considerações teóricas sobre Semântica e Teoria da Referência; em seguida, propor discussões sobre a referenciação, sentido e referente, e ainda, analisar os possíveis efeitos de sentido que podem ser inferidos em diferentes gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: significado; sentido; semântica; referente.

ABSTRACT: By analyzing certain genres looking interpret the ways of speaking linguistic-discursive mechanisms that can guide the possible meanings. However, understanding a text is not a simple task. You need to mobilize a range of strategies both linguistic as cognitive- discursive order in order to make hypotheses, validate them or not, that is, actively participate in the construction of meaning. Therefore, throughout this article is intended, first, to make some theoretical considerations on Semantics and Theory of Reference; then propose discussions on the referral , meaning and referent, and also analyze the possible effects of meaning that can be inferred in different genres .

KEYWORDS: meaning; sense; semantics; referent.

1. Possíveis significados

Falar em significação implica falar de semântica. Assim, para se refletir sobre uma teoria é importante recuperar alguns aspectos conceituais relativos aos seus fundamentos para relacioná-los com outras teorias, e ainda, ao fazer uso desses conceitos, aplicá-los de forma satisfatória, ou não, nos diversos gêneros do dia a dia.

Nesse âmbito, a partir dos excertos abaixo, pode-se notar a pluralidade e a diversidade das diretrizes teóricas propostas para o tratamento do significado.

Delineando uma trajetória conceitual, logo de início já se vê a definição de Lyons (1977) sobre semântica, que por ora, fica limitada ao estudo do significado:

o estudo do significado, será esta a definição que provisoriamente adotaremos: o que deve entender-se por ‘significado’ nesse contexto é uma das nossas principais preocupações em capítulos ulteriores. Desde que Ogden e Richards (1923) publicaram o seu clássico tratado sobre este tópico,

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Professora no Mestrado em Letras na Universidade Vale do Rio Verde – Unincor. prof.maria.leite@unincor.edu.br

e mesmo muito antes, vem sendo hábito os semânticos acentuarem o fato (e admitamos que se trata de um fato) de que o nome ‘significado’ tem muitos significados diferenciáveis entre si. (LYONS, 1977, p. 11).

É pertinente destacar que, o termo ‘significado’ por si só, já vem acompanhado de diversos sentidos e valores. Isso quer dizer que, se o próprio termo significado pode ter uma carga de diferentes sentidos, o mesmo se pode afirmar sobre quaisquer outros vocábulos. Logo, para construir significado é preciso também verificar as condições de produção de um ato de linguagem para compreender suas condições de interpretação, ou seja, o porquê e como a palavra ‘X’ foi inserida em dado texto e com determinado sentido.

Já a fundamentação de Schaff extrapola o conceito do que é significado:

a Semântica certamente inclui questões minuciosas que não são de modo algum ligadas a questões filosóficas – por exemplo, certos problemas específicos de sintaxe lógica. Longe de mim negar a importância científica desses problemas, mas quando deixamos o campo puramente técnico, logo nos defrontamos com a questão suprema, questão de cuja solução depende esta ou aquela solução de uma série de problemas usualmente chamados semânticos. Esta questão é – em que consiste o processo de comunicação humana (...) (SCHAFF, 1968, p. 122).

Em Pottier (1992), observa-se uma fundamentação para uma abordagem discursiva.

A semântica geral se preocupa com os mecanismos e operações sobre o sentido, através do funcionamento das línguas naturais. Ela tenta explicitar as ligações que existem entre os comportamentos discursivos baseados em um ambiente sempre renovado, e as representações mentais que parecem ser partilhadas pelos usuários das línguas naturais. (POTTIER, 1992, p.11).

Ambas as colocações são pertinentes, pois não se pode esquecer que há um sujeito enunciador e um sujeito interpretante com um propósito linguageiro. Dessa maneira, para elucidar a compreensão de uma palavra ‘X’, mobiliza-se uma série de estratégias para a construção do sentido. Assim, há uma dimensão sociocognitiva e discursiva em que os sujeitos se comunicam levando em consideração o contexto.

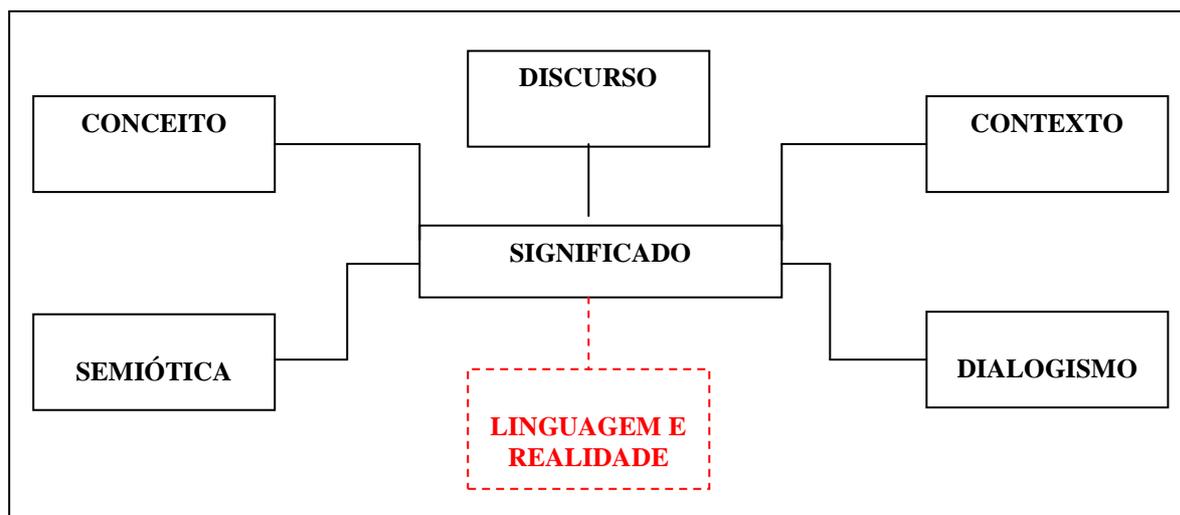
Outro aspecto a se destacar é a relação da semântica com a semiótica. Benveniste (1989) refere-se à semiótica como a ciência do signo (mera forma) e do seu sentido, e à semântica como a ciência do discurso e da significação: “Há para a língua duas maneiras de ser língua (...) aquela de significar para semiótica, aquela de comunicar para a semântica.” (BENVENISTE, 1989, p. 222)

Cabe destacar, ainda, a visão da semântica como uma abordagem da língua em discurso.

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. (BENVENISTE, 1989, p. 229).

Essa visão converge para o dialogismo de Bakhtin, no que tange a interação entre o ‘eu’ e o ‘outro’ no texto.

Os conceitos citados são formados a partir de uma reflexão sobre o significado. Nessa linha, por via dos atos de fala há um contato, uma interação entre o que é dito pelo locutor e o que é lido e compreendido pelo interlocutor; daí a ideia de que existe dialogismo em ação na comunicação entre as pessoas, seja esta dada pela fala ou escrita. Para ilustrar, observe-se o processo em que se dá a imbricação da linguagem e realidade.

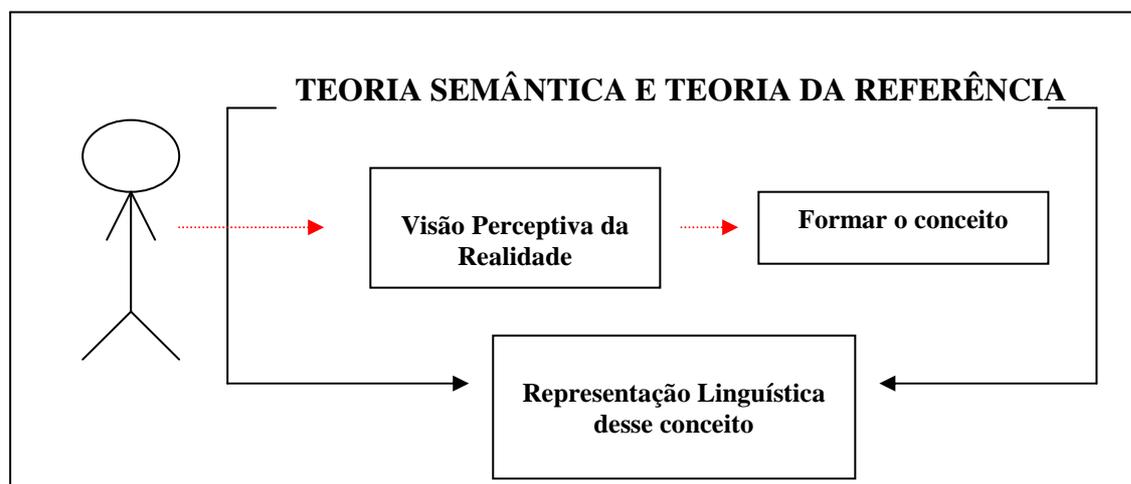


Esquema 1 - O Significado
Fonte: Reflexões do pesquisador

Assume-se, aqui, que, o sujeito possui uma representação mental de um objeto (desprendido do mundo) e o referente que é descrito e nominalizado por esse sujeito transforma a realidade em (re)criação do que ele pensa e constrói mentalmente.

2. Linguagem e Realidade

Os diversos estudos com base na Teoria da Referência centram suas análises a respeito do sentido pontuando a relação entre linguagem e realidade. Assim, Mari (2003) ressalta que, as questões em torno da concepção de sentido (alcance e limites), de referente (objetos singulares e classes de objetos), das condições para fixar a referência (nomes comuns, nomes próprios e descrições definidas) sempre chamam a atenção dos pesquisadores que tentam compreender como se dá a representação de um dado objeto, incluindo também a sua representação linguística, como demonstra o esquema abaixo:



Esquema 2 - Teoria Semântica e Teoria da Referência

Fonte: Quadro adaptado a partir da leitura do texto Aspectos da Teoria da Referência, segundo Mari (2003).

Para ilustrar o esquema acima pense, por exemplo, em dois objetos: 'maçã' e 'bruxa'. Esses objetos perpassam a formação de um conceito, pela dimensão da nossa experiência e percepção que temos da realidade e, ainda, por uma representação linguística.

Então, quando se utiliza o signo 'maçã' você faz referência a um conceito genérico que abrange uma classe de objetos. Cabe salientar que, cada tipo de maçã é único: há a pequena, a vermelha, a verde etc., porém, ao se lembrar deste objeto, sua percepção não atenta para os detalhes, mas sim para um único exemplar. O conceito de 'maçã' se consolida com a experiência que o sujeito tem com esse objeto, veja:

1. Maçã – signo linguístico.

2. Fruta.
3. Comprar a fruta.
4. Levar a fruta como presente para a professora.
5. Objeto de história infantil.

Quadro 1 Possíveis Significados
Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Por outro lado, as experiências sensíveis com um objeto como ‘*bruxa*’, fazem parte mais de uma representação linguística, pois a existência desse objeto é representada através do que se imagina dele e não de algo mais concreto como ‘*maçã*’. Observe:

1. Bruxa – signo linguístico.
2. Feiticeira.
3. Pessoa má.
4. Personagem de história infantil.
5. Borboleta noturna.

Quadro 2 Possíveis Significados
Fonte: Elaborado pelo pesquisador

A forma material da representação linguística de uma palavra aponta para as possibilidades de sua manifestação real, ou seja, o que faz com que um objeto seja diferente dos outros, dentro de uma situação particular. Ao pensar em “*maçã*”, aponta-se para aquilo que constitui a sua essência e a faz diferente de outras frutas. A percepção de uma essência valida a distinção entre uma classe de objetos e diferencia objetos singulares no interior de uma classe como, por exemplo, ao distinguir ‘*maçã vermelha*’ de ‘*maçã verde*’.

3. Referente, Referência e Referenciação

No processo de construção e reconstrução dos objetos do discurso está o referente, a referência e a referenciação. A partir deles, participa-se da construção do sentido.

Os referentes são objetos do conhecimento do sujeito e estão entre a linguagem (sentido) e a realidade (referência). De acordo com Blikstein (1986), referentes são

construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com a nossa percepção de mundo.

Mari (2003) trata o referente como um objeto ou uma classe de objetos. Então, o nome próprio pode ser indicador de um objeto singular no domínio [pessoas], enquanto que uma descrição definida, como por exemplo, o líder da rebelião indica um objeto singular ou uma subclasse de objetos. Outro ponto que o autor destaca é que a descrição definida de um determinado termo seleciona, em um dado domínio, uma subclasse. Por exemplo, a descrição definida de ‘cama de casal’, seleciona, no domínio [leito], uma subclasse de camas, e exclui as que não partilham da propriedade ‘casal’; no entanto, a descrição definida ‘esta cama de casal’, em um contexto, seleciona um único referente.

É importante salientar que cada contexto apresenta um teor diferente de referenciação. A referenciação consiste no resultado da operação que se realiza quando se quer designar, representar ou sugerir algo e, ainda, quando o sujeito usa um termo ou cria uma situação discursiva referencial para uma determinada operação. Nessa atividade discursiva, de um lado, há, na interação verbal, o sujeito, dotado de uma memória discursiva e operando com o material linguístico que tem à sua disposição, para produzir seu texto com um efeito de sentido; e de outro, o interlocutor que faz suas inferências, interpreta e constrói também o seu sentido.

Nessa esteira, aproveitando-se dos objetos citados anteriormente ‘*maçã*’ e ‘*bruxa*’ observe de que maneira, dentro de uma determinada situação de produção, pode-se produzir sentido:



Charge Muy Amigas
Fonte: desconhecida

Inicialmente, no primeiro quadrinho há o referente: ‘*maçã*’, em seguida a ‘*bruxa*’ e depois a ‘*Branca de Neve*’. Com base no contexto sociocognitivo, percebe-se que esses objetos se referem à literatura infantil, ao conto: “Branca de Neve e os Sete Anões”. Observe a leitura da história:

Branca de Neve e os Sete Anões	
Maçã	Envenenada
Bruxa	Mulher má
Branca de Neve	Moça ingênua

Quadro 3 Possíveis Significados
 Fonte: Elaborado pelo pesquisador

No segundo quadrinho, há uma releitura desse conto com os referentes ‘*Bombons*’ e ‘*duas pseudo amigas*’.

Releitura			
Objetos	Estado	Agente	Sentido
Maçã	Envenenada	Veneno químico	Veneno químico, assassinato
Bombons	Envenenados	Açúcar, cacau	Veneno; aumento de peso
Ator 01- Bruxa	Megera	Concorrência	Má e invejosa
Ator 02- Amiga	Desavisada	Ingenuidade	Tola
Ator 2-Pseudo amiga	Megera	Concorrência	Má e invejosa

Quadro 4 Possíveis Significados a partir da releitura
 Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Inferese, então, a partir da releitura dessa charge, o retrato de um possível universo feminino. Na charge, parecem emergir do texto, subentendidas, críticas aos padrões estéticos vigentes à estética e à competitividade entre as mulheres pela melhor forma física. Pode-se considerar que a charge mantém a mesma linha de interpretação, o mesmo sentido em contextos e tempos diferentes: uma personagem querendo prejudicar a outra, porém os referentes foram modificados.

4. Referente, Sentido e Nome Próprio

Para expressar o que se conhece de um referente, muitas vezes, é necessário ter em mente qual é o seu sentido.

Mas o que é o sentido?

Mari (2003) pontua que se pode admitir o sentido como uma mediação entre uma linguagem e uma realidade. Nessa perspectiva, a mediação do sentido faz dele um reflexo, se lhe for atribuída autonomia ao universo de objetos; mas também faz dele uma construção, se considerada sua capacidade de criar universos. Como reflexo, seria um princípio de incorporação de categorias. Então, funcionaria como indicador conceitual na percepção dos objetos.

A partir disso, há um universo de objetos de onde se extraem os sentidos que são estruturados em um universo de signos.

Mari (2003) ainda destaca que pensar no sentido como mediação, implica compreendê-lo também enquanto instância de criação dos objetos para os quais ele serve de mediação. Assim, podem-se compreender as seguintes situações na língua portuguesa: uma primeira situação na qual o enunciado tem sentido, cujo referente não podemos isolar ou uma situação em que o enunciado tem sentido e este podendo ser usado para criar o próprio referente.

É importante salientar que o sentido não é o único expediente para garantir referência. Há também os pronomes, descrições definidas, nomes comuns e nomes próprios entre outros. A Teoria da Referência postula que os nomes próprios funcionam como índices para objetos específicos de um domínio, e os nomes comuns têm a função de descrever condições de pertinência em uma dada classe.

Então, há, por exemplo, o nome comum: ‘*camisa*’ com uma função descritiva, que compõe uma classe de objetos, mas não designa, individualmente, qualquer membro dessa classe. No entanto, o nome próprio: ‘camisa de Ronaldinho Gaúcho’ é de natureza designativa e aponta apenas para um objeto em uma classe.

Para que o processo de construção de sentido fique mais claro, observe a análise do *corpus*² abaixo.

² O texto completo está no anexo.

O artigo *Clubinho Brasil*, de Clóvis Rossi, foi publicado em 16 de abril de 2006, na Folha de São Paulo e está disponível também na *Folha* online. Nele se observa um quadro dos posicionamentos, das diferentes articulações e estratégias daqueles que exercem um cargo público. O referente principal é Itamar Franco. Para a construção de seu texto, Rossi recorre à intertextualidade. Primeiramente, no título “*Clubinho Brasil*”. O vocábulo ‘*clube*’ é um nome comum, porém ao se unir ao termo ‘Brasil’ adquire um caráter designativo, ou seja, não é qualquer ‘*clube*’, é o do ‘*Brasil*’.

De acordo com o Dicionário Houaiss, “*clube*” é uma associação com objetivo recreativo, cultural, esportivo. No artigo em análise, a palavra “*clube*” retoma o significado de associação recreativa, porém, segundo o autor, em contexto inadequado: o político, pelo menos literalmente. Há ainda o uso do diminutivo para realçar o tom pejorativo e irônico do que se pretende enunciar.

Outro ponto interessante a se destacar é que, ainda, no vocábulo “clubinho” há uma referência ao “Clube dos Meninos”, o conhecido “Clube do Bolinha” cujo dono é o Bolinha, personagem das HQ’s, da Turma da Luluzinha. Percebe-se no decorrer do artigo que somente os sujeitos do sexo masculino faziam parte do desenrolar da história, referência clara ao Clube do Bolinha.

Já o termo “Brasil”, nome próprio, no entanto, não se refere simplesmente ao território de uma nação, ou pátria, mas sim, a uma metáfora que remete à corrupção no país, a um *clube* no qual a corrupção entre os associados impera.

Outro aspecto também marcante da intertextualidade é a referência ao poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade. Essa percepção se dá através das pistas, fornecidas pelo autor quando constrói o primeiro parágrafo, utilizando o verbo “amar” - marca desse poema. Em seguida, cada parágrafo corresponde às trocas do conjunto de pares de casais de dançarinos em uma festa popular, intitulada *quadrilha* – dança ritmada e rápida – própria das festas juninas, mas também referência óbvia a um grupo formado por maus elementos com o objetivo de assaltar, roubar e enganar. Percebe-se que, a cada mudança no contexto político há uma “troca rápida de casal”; mas, na realidade há uma troca de ideologia política com vistas ao benefício próprio. Veja:

Era uma vez Itamar Franco, que não amava Fernando Collor de Mello, mas a ele aliou-se para derrotarem junto Luiz Inácio Lula da Silva, que odiava Fernando Collor e não amava Itamar Franco, até porque não amava ninguém a não ser ele próprio.

A intertextualidade visível e transparente se encontra no último parágrafo quando o autor faz referência contundente ao poema “Quadrilha” de Drummond, porém em tom bastante irônico.

Era uma vez, por fim, o Zé desta história, agora chamado de chefe de quadrilha pelo procurador-geral da República, que vai de jatinho particular a Juiz de Fora para, segundo alguns colunistas, convidar Itamar Franco para ser vice de Lula, como fora de Collor, com o que se encontram o começo e o fim da quadrilha (no sentido Drummond).

Assim, os parágrafos vão se desenvolvendo como as representações do agir e do pensar de outros personagens reais: Fernando Collor de Melo, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.

Note que o autor utiliza o sintagma “*Era uma vez*” característico do início das histórias do gênero contos de fadas. No entanto, a cada mudança de parágrafo, há também uma enumeração dos fatos postos no sintagma. Dessa forma, há: “*Era uma vez*”; “*Era uma outra vez*”; *Era uma terceira vez*; *Era uma quarta vez*”; “*Era uma quinta vez*”, com referência óbvia à repetição cansativa dos fatos políticos corruptos e de conluio a que o país assiste no dia a dia. Já na conclusão, há a retomada do “*Era uma vez*”, porém com o advérbio de tempo “por fim”, indicando o final da história, mas não o dos eventos das alianças políticas vergonhosas.

Cada aspecto destacado nos parágrafos está associado à ação, à noção de representação subjetiva, ao aspecto do referente que o autor destacou.

Dessa forma, há o referente ‘político’, em diversos nomes próprios: Itamar Franco, Fernando Collor de Mello, Luiz Inácio Lula da Silva, José Dirceu, Roberto Jefferson que interagem numa determinada situação e produzem outros efeitos de sentido: crítica aos governantes, crítica ao sistema político do Brasil, e por que não, ao povo que a tudo, impassível assiste.

Considerações Finais

Ao analisar o texto acima, percebe-se que ele é um artefato cultural repleto de acontecimentos discursivos. Estão presentes nele fatos do presente, mas acima de tudo, uma memória histórico-social na qual se conciliam e se re(criam) significados e os vários sentidos desses significados.

Os possíveis significados extraídos de “Clubinho Brasil” não se esgotam aqui. Poder-se-ia pensar, por exemplo, em um estudo argumentativo no qual o contrato jornalístico se baseia, para procurar influenciar o leitor através de uma dimensão axiológica, ou seja, das crenças que podem construir uma determinada representação e do desejo a ela inerente. Nesse aspecto, o uso de certos termos está ligado diretamente a um julgamento de valor apreciativo ou depreciativo do próprio escrevente ou da mídia.

Mas independente disso, o que realmente precisa ser levado em consideração, é como o sujeito representa um determinado objeto que ele conhece e para o qual constrói sua interpretação, buscando os efeitos de sentido nas fendas das diferentes situações e nos diversos gêneros.

No entanto, nem tudo é válido. Há limites para a construção do sentido. É pertinente pontuar que conceber um sentido errôneo é dificultar o entendimento do interlocutor e produzir uma falha na comunicação.

REFERÊNCIAS

- BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BENVENISTE, É. A Forma e o sentido na linguagem. In: *Problemas de linguística geral II*. tradução Eduardo Guimarães, Campinas, SP: Pontes, 1989. P. 222.
- DOWTY, D. Compositionality as an empirical problem. In: Baker, C. & JAKOBSON, P. (ed.) *Direct compositionality*. Oxford. : Oxford University Press, 2007, p. 23-101.
- FODOR, J. A. & LEPORE, E. Why meaning (probably) isn't conceptual role. In: *The compositionality papers*. Oxford: Clarendon Press, 2002.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o Sentido. Ensaios Semióticos*. Petrópolis, Vozes, 1975. p. 7.
- HOUAISS, A. (1915-1999) e VILLAR, M. (1939). *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*/Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LYONS, J. Semântica I. Lisboa: Presença. *Semântica Estrutural II: Relações de Sentido*. 1980, pp. 11-12.
- MARI, H. *Aspectos da Teoria da Referência*. Revista de Psicologia Plural: 18, 2003, p. 93-118.
- MARQUES, M. H. D. *Iniciação à semântica*. 6ª. Ed., Rio de Janeiro: Joge Zahar ed., 2003.
- POTTIER, B. *Sémantique générale*. Paris, P. U. F. , 1992 p. 11-12.
- PUTNAM, H. Is semantics possible? In: SCHWARTZ, S.P. (E.d.) *Naming, necessity and a natural kinds*. Ithaca: Cornell University Press, 1977, p. 139-152.
- ROSSI, C. *Clubinho Brasil*. Disponível em: <http://alertabrasilartigos.blogspot.com/2006/04/clubinho-brasil.html>. Acesso em: 26 mai. 2008.

SCHAFF, A. Aspecto Filosófico do Processo de Comunicação. In: *Introdução à Semântica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S/A, 1968, pp. 121-122.

ANEXO

Domingo, Abril 16, 2006.

Clubinho Brasil

Era uma vez Itamar Franco, que não amava Fernando Collor de Mello, mas a ele aliou-se para derrotarem juntos Luiz Inácio Lula da Silva, que odiava Fernando Collor e não amava Itamar Franco, até porque não amava ninguém a não ser ele próprio.

Era uma outra vez Itamar Franco, que passou a odiar Fernando Collor a ponto de romper com ele, mas sem reatar com Luiz Inácio Lula da Silva, que vingou-se de Fernando Collor juntando-se a tantos que antes desprezava para liderarem o processo de impeachment.

Era uma terceira vez Itamar Franco, que ungiu Fernando Henrique Cardoso ministro da Fazenda, fabricando sem o saber (ah, como os presidentes sabem pouco) o futuro presidente, que Lula odiaria.

Era uma quarta vez Itamar Franco, que aceitou ser embaixador de Fernando Henrique Cardoso, que ele às vezes amava, outras odiava e com o qual vivia entre tapas e beijos até algo parecido com o rompimento.

Era uma quinta vez Itamar Franco, aquele que silenciou quando Fernando Collor usou na TV o caso da filha de Lula fora do casamento, mas que acabou aliando-se a Lula, finalmente presidente, que o nomeou embaixador, tal como o fizera Fernando Henrique Cardoso, que, no entanto, legara a Lula uma "herança maldita", segundo José Dirceu, que também não ama ninguém, a não ser ele próprio e seu projeto de poder, que foi seriamente avariado, talvez destruído, por Roberto Jefferson, que era da tropa de choque de Fernando Collor, passou à tropa de choque de Lula e, por fim, detonou com um grito de "sai daí" o Zé desta história.

Era uma vez, por fim, o Zé desta história, agora chamado de chefe de quadrilha pelo procurador-geral da República, que vai de jatinho particular a Juiz de Fora para, segundo alguns colonistas, convidar Itamar Franco para ser vice de Lula, como fora de Collor, com o que se encontram o começo e o fim da quadrilha (no sentido Drummond).

Fonte: ROSSI, Clóvis. *Clubinho Brasil*. Disponível em:
<<http://alertabrasilartigos.blogspot.com/2006/04/clubinho-brasil.html>> Acesso em: 26 mai. 2008.

**Artigo recebido em fevereiro de 2015.
Artigo aceito em abril de 2015.**